

Penha, Agulha e Colher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcá
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno IX—Num. 9

Anno II

Florianopolis, 14 de Dezembro de 1918

Num. 18

O nosso segundo concurso literario

Terminou a 5 do corrente o prazo para a recepção de composições destinadas ao concurso aberto pela «P., A. e C.» a 5 de Outubro.

Tratava-se de transformar em prosa e desenvolver á vontade os seguintes versos:

⑥ vizinho invejoso

No seu pomar um homem conservava
Uma arvore formosa, que lhe dava
Tal fruto, que dourado parecia.
Um seu vizinho, que d' inveja ardia,
Vem de noite, sem que alguém o veja,
Muitos ramos cortar-lhe: mas a inveja
Por esta vez mui mal o aconselhou,
Pois, o anno seguinte mal chegou,
A arvore lhe deu mais produção
Do que lhe tinha dado até então.

E' certo que melhor do que um amigo
Muitas vezes nos serve um inimigo;
Pois que prejudicar-nos quando intenta,
Pelo contrario nossos bens augmenta.

Annunciaremos cinco premios para as autoras dos melhores trabalhos.

Como as concurrentes não foram muitas, resolvemos dar um premio a cada uma, publicando-lhes tambem as composições.

⑥ VISINHO INVEJOSO

O snr. Rodrigues era já um homem edoso, que envelhecera no contínuo trabalho de sua vida honesta. Depois de se ter aposentado e retirado da sociedade, passava elle os dias a cuidar de sua chacarazinha, em que conservava muitissimas plantas, sobresahindo, dentro ellas, pelo seu viço, uma esbeitalaranjeira, que todos os annos carregava os mais lindos fructos, grandes e douradas laranjas. Era ella o orguinho do snr. Rodrigues que a tratava com maior attenção que ás outras. O bom velho, logo que se levantava, ia dar um passeio pela pequena, mas bem cultivada chácara. E seus olhos brilhavam de alegria, quando via car-

regada, a ponto de envergar os galhos, a sua querida laranjeira.

Perto d'elle habitava outro homem, que se mostrava muito amigo do sr. Rodrigues. Era elle um homem baixo, de olhos scintillantes e nariz judaico. De uma amabilidade infinda para com seu vizinho, não percebia este, sincero como era, os olhares de inveja e egoismo que eram lançados sobre sua terrinha.

Em uma bella manhã em que a laranjeira estava mais viçosa do que nunca, conversavam ambos á sua sombra. Por fim, tendo o snr. Rodrigues que fazer, desculpou-se com seu visinho e foi para dentro. O falso amigo aproveitou esse momento para examinar bem o lugar, e com um giz traçou aqui e acolá alguns riscos nos galhos. Depois de ter olhado bem as proximidades, afastou-se, esregando as mãos de contente, e com um riso de malicia nos labios seccos. O snr. Rodrigues, chamado com urgencia a casa de um amigo, não tornou a voltar á chácara, pelo que não viu os mysteriosos riscos em sua querida arvorezinha.

Veio a noite, uma noite calma e de luar. Tudo dormia. De subito uma sombra apparece em cima do muro e com um salto galga o terreno do sr. Rodrigues, e, auxiliada pela luz prateada da lua, chega até á laranjeira.

Numa das mãos tem um objecto exquisito, como um serrote, e noutra uma escadinha. No momento em que se dispunha a subir a escada, a lua brilhou com tal intensidade, que o rosto, até então meio sombreado, appareceu claramente, e nelle reconhecemos o snr. Antonio, o vizinho de physionomia judaica. Elle sobe até o ultimo degrau, e começa a serrar os galhos onde estavam os riscos de giz. Depois de ter saciado a sede de vingança, desce o snr. Antonio muito satisfeito, da arvore, e volta com a cautela com que veio, para sua casa.

Qual não é o espanto do snr. Rodrigues, quando vê, na manhã seguinte, a sua querida laranjeira naquelle misero estado: os galhos mais vigorosos e sadios jaziam no chão... O snr. Rodrigues não pôde imaginar quem fôra o autor da tal perversidade,

e, todo sentido, foi queixar-se ao vizinho, que fiugiu sentir immensamente o desastre.

O tempo passava. As arvores estavam novamente em flôr, e, com grande estupefacção do snr. Antonio, a invejada laranjeira estava também tão florida, que parecia ter cahido um manto de neve sobre suas folhas verdes! E o tempo marchava, marchava, e as flores tornaram-se fructas! O snr. Rodrigues estava radiante. Como o jardineiro tivesse cahido doente, appareceu elle uma bella manhan na casa de seu vizinho, pedindo-lhe que o ajudasse a pôr umas estacas na laranjeira, a fim de que os galhos não se quebrassem sob o peso das laranjas.

«Não sei» dizia elle, «como é que depois de lhe terem cortado os galhos a arvore veio o carregar assim.»

E o snr. Antonio teve de engulir a sua raiva, e ajudar o vizinho a sustentar a arvore. Durante o trabalho, porém, pensava: Quem muitas vezes fez mal a seu proximo sente em si o mal praticado.

Nora Sanfelice

O vizinho invejoso

A inveja é um dos mais vis sentimentos humanos. Uma vez que uma pessoa nutra, no seu coração, a inveja, ella nunca será feliz ou tranquilla.

A inveja verdadeira apodera-se de tal modo da alma de uma pessoa, que a obriga a lançar mão de todos os meios, até do crime, para obter o fim desejado.

Ella é prejudicial a todos, porque, onde existe, não pode haver paz, e todos soffrem d'essa influencia de descontentamento e maldade. Desejar ter o que não temos, e desejar ser o que não somos, é muito natural, porque nunca estamos contentes com o que temos, mas precisamos tomar cuidado, para que esse desejo não passe de um certo ponto, isto é, não degenere em inveja.

A inveja é experimentada por quasi todos, cedo ou tarde, não digo ao ponto de commetterem-se crimes, mas, sim, ao ponto de fazer-se algum mal a quem se inveja.

Na historia seguinte vemos o bem merecido castigo de um vizinho invejoso:

Um homem tinha, entre as arvores fructíferas de seu pomar, uma que dava fructos tão lindos e grandes, que era uma cousa de admirar.

Naturalmente isso causava grande inveja a muitos, mas, entre esses invejosos, havia um que o era mais ainda que os outros. E como era vizinho do dono do lindo pomar,

procurava um meio de lhe fazer mal, pois um invejoso é capaz de tudo quando não pode adquirir o bem que cubiça. E assim, depois de ter pensado muito no que devia fazer, resolve penetrar uma noite no pomar, e, sem que ninguém o veja, cortar muitos galhos da invejada arvore, pensando que isso com toda a certeza a prejudicaria.

Dito e feito. Depois de ter cumprido o seu trabalho, elle volta para a casa, e ansiosamente espera o desfecho tão ardentemente desejado.

Mas, d'esta vez, a inveja o aconselhou mal, pois, qual não foi o seu espanto, ao ver no anno seguinte a arvore produzir uma quantidade de fructos até ahí nunca vista?!...

E, envergonhado, elle chega á conclusão de que, em vez de prejudicar o seu vizinho, fez-lhe um grande bem!

Nem sempre nos prejudica o mal que outros nos desejam porque muitas vezes vira o feitiço contra o feiteieiro!

THELMA

DOMINIOS DA ESPHINGE

QUINTO TORNEIO CHARADISTICO

(Outubro, Novembro e Dezembro)

72-76) NOVISSIMAS

A' Gaúcha

O instrumento serviu para cortar o galho que estava no deserto—1,2

Este manto fórma em Florianopolis uma sombra espessa—2,3

I. A.

Neste rio a fera atacou o imperador—2,2

A regra é ser a relação entregue por estudante—2,2

De outro modo alli manifestou-se a epidemia—3,1

Gaúcha

3) FREI PEDRO SINZIG

Ancilla Domini

(D. Hilda Leite Guimarães)

Essa curiosidade geral continuou, augmentando sempre até á morte da escriptora, em cujas cartas se encontram numerosas referencias a esse ponto.

Suas cartas!... Como a retratam bem! Vê-se por ellas sua affeição de filha e irman, seu espirito sempre vivo e alegre, sua

modestia, piedade e caridade, emfim, bôa parte do que ella era na realidade.

Limite-me, porém, á transcripção de uma ou outra:

«Revmo. sr. frei Pedro Sinzig.
Rio, 24-9-912.

Recebi sua bondosa carta de 12 deste, logo seguida de diversos numeros d'«A Resposta». que muito me têm interessado. Minha mãe appreciou a leitura do romance «Entre demonios», e espera com curiosidade pelo ultimo número. Não tem quasi vista, a minha mãe, e está doente; sua maior distracção é ouvir lêr. Em novembro, penso poder enviar uma contribuiçõesinha para a «Liga», o que será para mim um prazer.

Acha o senhor que os meus contos revelam soffrimentos e dissabores? Quem terá chegado aos trinta e cinco annos sem encontrar na vida alguma amargura? Acho no entanto que, conhecendo a minha traqueza de alma, Nosso Senhor tem medido e pesado com muito cuidado a cruz que me envia.

Muito bondosos e lisonjeiros os seus conceitos a respeito de meus trabalhinhos; isso me anima a lhe enviar mais um. Não me de e o senhor nenhum agradecimento, é um prazer para mim phantasiar contos, gôsto muito mais de compôr do que de traduzir; lembra-me o bello tempo em que eu só cuidava de estudos, sem me preocupar de coisa alguma desta vida. A lembrança desse tempo já remoto, move-me a dar graças a Deus por sua divina protecção.

Minha professora era alleman protestante e descrente; quando me lembro do risco que correu a minha té, tremo ainda e não de-sejo recommençar a experiencia. E' enorme a influencia dos professores sôbre os discipulos. Esta não pretendia abalar a minha crença, e foi fiada nessa promessa que l'he foi entregue a minha instrucção. Mas, ainda sem querer, a sua influencia era netastia. Quando penso que livros li aos treze e quatorze anno! Entre outros li nessa época o célebre drama de Lessing, «Nathan der Weise»; muit preconizado pela professora, que fazia reflexões sôbre a profunda philosophia da these. Felizmente, o scepticismo dessa obra resva'ou por minha alma infantil sem deixar móssa. Achei tôla a célebre lenda dos tres anneis.

Si não perdi a té, cahí numa especie de torpôr, de indifferentismo religioso, que só bem mais tarde se despertou. E' que me fatigava a incessante dúvida sempre combatida por uma logica muito simples, muito infantil, mas que me socegava até novo combate. Cada vez que eu sentia

PENNA, AGULHA E COLHER

— Publicação semanal —
Assignaturas

Anno 2\$000
Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «E'poca» custa 1\$000.

terreno movediço nessa materia, agarrava-me á infallibilidade da Igreja. Era o meu ponto de apoio. Digo: si Jesus Christo é Deus, e disso ha provas irrefutavéis, a sua doutrina não póde errar; sendo a Igreja a depositaria dessa doutrina, é por fôrça infallivel — portanto, diga embora a professora o que quizer, não saiba eu refutar essas difficuldades que leio, isto deve estar errado, si vai de encontro aos ensinamentos da fé.

Peço-lhe perdôar tão longa tagarellice.

Recommendo-me ás suas orações, saudo-o com cordial respeito. — *Hilda Leite Guimarães.*

(Continua)

Diario da Filha de Maria

...E' facil ser sempre amavel?

Não, de certo!

Ser sempre amavel e delicada... é muito poetico, mas ás vezes de quanto heroismo não se precisa, na pratica!

Muitas vezes um grande acto de virtude occulta-se num simples sorriso ou num serviço prestado com todo o carinho e dedicação; porque ha dias em que as contrariedades surgem de todos os lados, ou então nós mesmas estamos numa disposição de mau humor, que faz com que não se esteja satisfeito com cousa alguma. Outras vezes são as enfermidades physicas que abatem, desgostam e tornam penosos os deveres do nosso estado e as fadigas da dedicação.

Ah! sim, será necessario um verdadeiro heroismo da vossa parte, para que vos mostreis sempre graciosa e delicada; pelo que se pode dizer que uma pessoa que consegue manter uma egualdade de humor — chegou á perfeição. (Extr.)

A E'POCA encontra-se á venda durante toda a semana na casa do sr. Amadeu Beck, á rua Felipe Schmidt 5, e na casa «Grecia», á praça 15 de Novembro.

Um quarto mal a ssombrado

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

Maria Ziegler, professora; Gabriela Siegler, também professora; Anna Capistrani; Magdalena Bel Esprit, escriptora; Joanna Macedo, dona da hospedaria; Wally, creadinha.

SCENA XXI

Maria —entra trazendo o chapéu, o capote e a malinha, e *Magdalena*, um casical com a vela accesa.

MARIA — A Sra. ouviu?

MAGDALENA — Sim, ouvi certo barulho.

MARIA — Veja, D. Magdalena, o chapéu, o capote e a malinha não são os meus, como pensei á primeira vista, por serem muito parecidos; mas aqui deve haver algum mysterio: parece que o homem que morreu neste quarto se diverte á nossa custa!

MAGDALENA — Não, Senhorita, os mortos não brincam!

MARIA — Então a Sra. não ouviu, ha pouco, o barulho que fizeram neste quarto?

MAGDALENA — Talvez fosse illusão nossa, pois o medo faz muita cousa.

MARIA — Pode ser...

MAGDALENA — Mas, Senhorita, onde deixou a malinha, o capote e o chapéu?

MARIA — Já lhe disse que foi alli naquella mala!

MAGDALENA — Então vamos ver!

MARIA — E si algum ladrão...

MAGDALENA — (interrompendo-a) Cara Senhorita, a gente deve ter coragem, pois o medo, muitas vezes, provem de certos enganos. Vamos, deixe de apprehensões!

(Approxima-se da mala)

MARIA — A Sra. tem razão: agora não terei mais medo! só um pouco de receio. (Segue Magdalena cautelosamente)

MAGDALENA — Si a Sra. guardou aqui o que lhe pertence, aqui deve... (Abre a mala e Gabriela pula de dentro)

MARIA — O morto! ai! soccorro! (Corre)

MAGDALENA — Soccorro! o morto nos persegue! (Corre e a vela apaga-se.)

GABRIELA — Os ladrões! os ladrões, madama! Soccorro! soccorro! (Persegue, ás escuras, Magdalena e Maria, agarrando esta pelo braço. Maria grita desesperadamente. Magdalena agarra-se em Maria; grande confusão até que cheguem D. Joanna e Wally).

SCENA XXII

As mesmas, Joanna e Wally, trazendo velas accesas.

JOANNA — (zangada) Mas que barulho é este? Que ha? Quem está ahí?

GABRIELA — (quasi a chorar) A Sra. chegou a tempo, madama!

MARIA — Eu morro! ai! eu morro! Que será de mim?

MAGDALENA — O morto nos persegue!

JOANNA — Ainda não acabam com esta algazarra? Toda a casa está alarmada! (Esta scena deve ser tão depressa, que pareça que todas falam ao mesmo tempo.)

17) ANCILLA DOMINI

O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

eu tenho um balsamo para a dôr de tua velhice, ancião desamparado pelos ingratos a quem tudo deste! Vinde, vinde todos, vós também, peccadores, cujos remorsos pungem noite e dia; eu tenho a palavra de perdão, sublime e completo, que aprendi no coração de meu Esposo.

As boas Irmans do Asylo são mais que mães para as pobres velhinhas a ellas confiadas. Tudo que a divina caridade pode segredar a um ouvido bem disposto se faz para alliviar tão grande magoa!

Vi recolhidas cujas physionomias trahiam paz suave e invencível esperanza; vi outras que ainda sabiam sorrir com aquelle claro sorriso dos velhos bondosos e crentes.

Fui procurar minha avó. Quando eu disse á Irman que me introduziu na repartição das velhas que eu era neta de Clara S., a boa religiosa mostrou-se surprehendida:

— Que? — parecia dizer — avó e tão esquecida?

Corei e abaixei a cabeça como culpada; quando ergui o rosto, a Irman percebeu umas lagrimas que me rebrilhavam nos olhos, e com delicadeza rara, adivinhando em mim um soffrimento occulto, tomou-me com ternura a mão, dizendo:

— Vamos a seu leito, é o numero 107.

Aproximámo-nos á cama onde jazia semi-entrevada, com dôres rheumaticas, a minha pobre avó; a religiosa, prudente, avisou:

— D. Clara, ahí está uma pessoa de sua familia que a vem visitar.

— Louvado seja Deus! exclamou a doente, erguendo-se de sopetão — é meu filho! meu Alberto! «Nunc dimittis servum tuum, Domine»...

E a vóvó continuou o cantico de Simeão até o fim.